



Director literario:

Acquedotto
 PAMIM

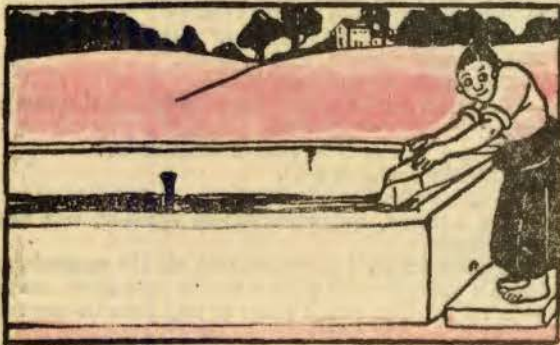
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

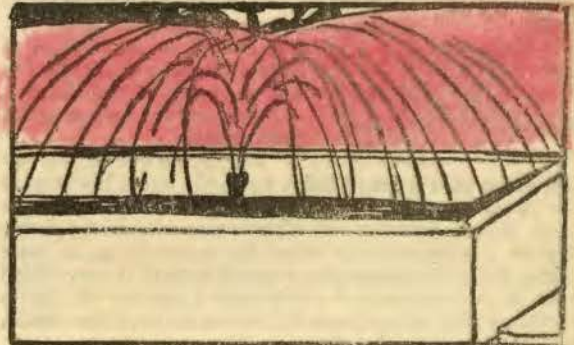
Director artistico:

Edward Collette
 PAPUSSE

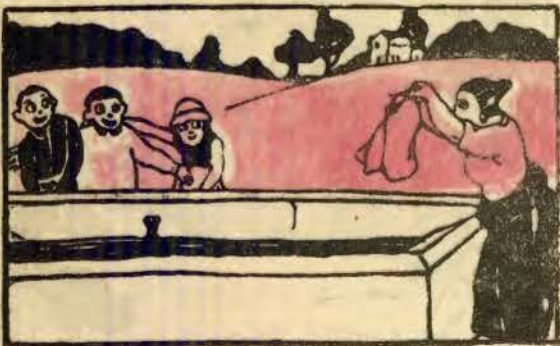
Aventuras de Pim, de Pam e de Pum



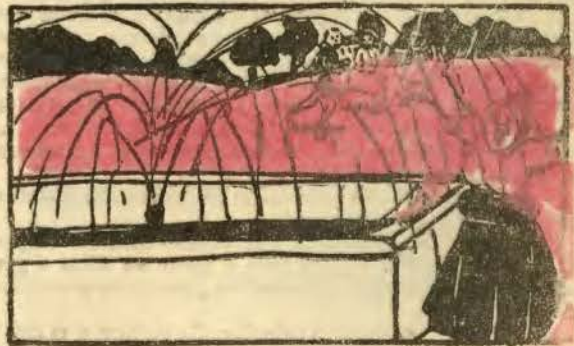
*Certo dia uma cachopa,
 Por sinal de boa pinta,
 Estava a lavar a roupa
 No grande tanque da quinta...*



*Como era um tanque de luxo,
 Quando se abriu a torneira,
 Saca um lindo repuxo
 Do ralo de uma mangueira.*



*Pim e Pum, que por ali
 Andavam de brincadeira,
 Cochicham lá entre si
 E vão abrir a torneira.*



*Então, a pobre cachopa,
 Sofrendo susto tamanho,
 Lava a cara, lava a roupa,
 Lava-se toda num banho!*

A ROLA INOCENTINHA

E A

PRINCESA ENCANTADA

POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



AVIA um príncipe filho dum rei muito poderoso e duma rainha muito boazinha. O príncipe era um apaixonado por caçadas, atirador distinto, pois raramente errava uma peça de caça.

Um dia, na tapada real, viu uma rôla empoleirada numa árvore e, quando ia a apontar a sua espingarda, ouviu uma voz dizer: Olha a rôla inocentinha, não a mates coitadinha!

O príncipe que já já a disparar, olhou para todos os lados e não viu quem lhe falava!

— Quem me fala em voz tão meiga e tão doce?! perguntou. Mas o príncipe não obteve resposta. Ficou muito intrigado e não matou a rôla. Foi andando e, lá mais adiante, descobriu outra rôla pousada num pinheiro. Meteu a arma à cara, apontou e ouviu logo a mesma voz dizer: — Príncipe real, pela tua amada, não me mates, se me matas, não matarás mais nada!

O príncipe olhou para todos os lados e não viu quem lhe falava ao coração. Teve medo e não matou a rôla. Cada vez mais intrigado, saiu logo da tapada, foi para o palácio mas não contou o que lhe acontecera quando ia a disparar para matar as rôlas. Entrou nos seus aposentos, deitou-se sobre um canapé estofado e adormeceu. Adormeceu e sonhou. Sonhou que via ali no seu quarto uma menina muito bonita que lhe pareceu ser a sua amada e que lhe disse: — As rolas que tu matas, sou eu quem te as envia; quero que te divirtas a matar rôlas. Não faças caso do que ouves na tapada quando vais a disparar, porque é um génio mau que te quer fazer arreliar.

O príncipe acordou e não viu a menina bonita que lhe falava. No dia seguinte levantou-se e a primeira coisa que fez depois do primeiro almoço, foi pegar na espingarda e ir para a tapada. Assim que lá chegou viu logo uma rôla cortar o espaço como uma flecha, pousar numa amendoeira carregada de flor e abrir as asas, fazendo: — Cú-cú-rú... cú-cú-rú... O príncipe ia a disparar quando ouviu a mesma voz que lhe falara no dia anterior:

— Sou a rôla muito querida, se me matas, não matarás mais nada em toda a tua vida!

O caçador não fez caso do que ouviu; apontou, disparou e matou a rôla. Correu para a meter na bolsa e por mais que a procurasse não a encontrou, Parecia ter-se sumido pelo chão abaixo.

— Ora esta! exclamou o príncipe. Se eu bem a vi cair! aqui não há mato; não compreendo! Quem sabe se fui traído pela menina bonita que me apareceu no sonho? E quiz experimentar se era verdade não matar mais nada, como dissera a voz misteriosa.

Andou mais uns passos e saltou-lhe um coelho...

Apontou mas não o matou. O coelhinho tinha fugido, aos saltinhos, muito contente da sua vida.

O príncipe não podia acreditar no que lhe acontecera. Errar um coelho e tão perto!! Não teria chumbo o cartucho?! E tirando do cinto todos os cartuchos, pelo seu peso, viu que estavam todos carregados,

Naquele dia viu muita caça, deu muitos tiros, não matou nada e nunca mais ouviu a voz misteriosa! Envergonhando-se de entrar no palácio sem levar caça alguma e zangando-se, deu com a arma numa pedra e partiu-a. Nesse momento, ouviu a tal voz que dizia: — Eu não te disse, alma adorada, que, se matasses a rôla, não matarias mais nada?!

— E's tu, minha adorada princezinha, que me falas?!

— Sou sim, meu bem amado príncipe!

— Como vieste do teu reino aqui parar?

— Trouxe-me o vento, meu adorado!

— Mas eu não te vejo, meu Deus!

— Tornaram-me invisível. Foi o mocho azul quem me encantou!

— E que é preciso fazer para te desencantar?

— Matarem o mocho azul.

— E quem o há-de matar?

— Um milhano, que vivo não-de apanhar, seja quem fór, meu amor!

O príncipe fez mais perguntas mas não lhe responderam. Foi para o palácio muito triste e contou tudo ao rei, seu pai.

— O rei mandou reunir todos os caçadores do seu reino



e, passados oito dias, partiu cada um com seu destino, a ver se algum encontraria um milhano para matar o mocho e desencantar a princesa.

Em vez de espingardas, levaram redes de dois tombos, para armarem nos regatos, a ver se os milhanos iam beber e apanhar algum vivo.

O rei mandou anunciar por todo o mundo, que daria uma grande fortuna a quem apanhasse um milhano vivo e lho levasse ao palácio.

Passaram muitos dias; todos os caçadores voltaram sem trazerem a ave tão desejada pelo príncipe.

Dos outros reinos, (que naquêles tempos não havia repú-



blicas) não apareceu ninguém que trouxesse um milhano vivo. O príncipe andava muito triste e por fim adoeceu de desgosto pela perda de sua noiva.

— No tempo em que isto aconteceu, havia em Portugal um rapazito muito esperto, numa aldeia pequenina, chamado José Russo, filho dum cocheiro que já morrera (Deus lhe perdôe). O pequeno José Russo ouviu um dia seu pai contar que um rei dum país muito distante, oferecera uma grande fortuna a quem lhe levasse um milhano vivo para matar o mocho azul e desencantar uma princesa.

O garoto muito esperto soube que, por todo o mundo, andava toda a gente preocupada a armar à rede e ao visgo, para apanharem um milhano vivo.

Uma noite na cama, o José Russo acordou e começou a pensar: — Há pessoas tão inteligentes por esse mundo fóra e ainda ninguém pensou em descobrir um ninho de milhanos?! Porque, descobrindo-se um ninho, apanham-se os ferreirinhos de milhano, criam-se em casa com fígado de vaca e, uma vez criados, leva-se um ao rei e guardam-se os outros, se escaparem todos, porque pode algum morrer no caminho, e neste caso, volta-se atrás a buscar outro.

Naquela noite o José Russo pequenito, não pode dormir mais, a pensar aonde havia de descobrir um ninho de milhano. Assim que amanheceu, levantou-se e foi por êsses matos fora, ao acaso, sem dizer nada a ninguém. Entrou no mato matoso e lá em cima, no alto, aonde o mato é mais crescido, viu um cartaxo que disse: — Que andas tu por aqui a fazer, José Russo?

— Ando à procura dum ninho de milhano.

— Pois sim, mas olha que tua mãe já deu pela tua falta e anda muito apoquentada lá por baixo à tua procura.

— Mas se eu encontrar o ninho, ela não se zangará comigo, pelo contrário, fica até muito contente, pois sabe muito bem que, se lhe levar os ferreirinhos, é a nossa felicidade.

— Isso sei eu. Criavas os milhanozinhos e levavas um ao rei, para matar o mocho azul e desencantar uma princesa que é a noiva do príncipe daquele reino muito distante. Depois dava-te uma fortuna muito grande.

— E como soubeste tu isso, meu lindo cartaxinho?

— Como toda a gente sabe. E já que me chamaste lindo, vou ensinar-te onde encontras um ninho de milhanos.

— Será possível?

— Não o duvides. Vai amanhã, ao romper da aurora, à

à Serra d'Ouressa, que eu lá estarei para te ensinar onde encontrarás o ninho.

— E se fossemos lá hoje mesmo?!

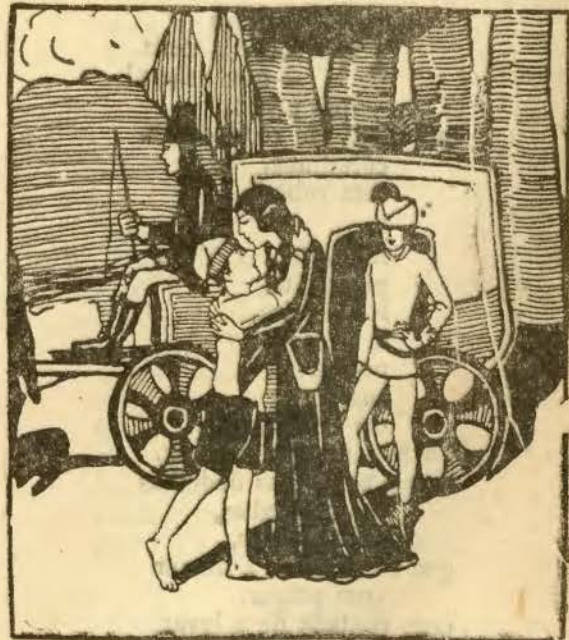
— Hoje não, porque o milhano velho anda desconfiado e não sai do ninho. Se lá vais, êle salta-te em cima e tira-te os olhos. É preciso aproveitares a ocasião em que êle vá encher o papo com a fêmea, e essa ocasião é só ao romper da aurora. Agora vai para casa, que tua mãe anda muito apoquentada à tua procura.

O José Russo fez o que o cartaxo lhe disse e quando chegou a casa, sua mãe bateu-lhe, mas êle não disse aonde tinha ido. No outro dia levantou-se muito cedo, pegou num cabazinho e num pano e foi ter com o seu amigo cartaxo à Serra d'Ouressa. O cartaxo ainda lá não estava; ainda era cedo. Mal se via. O cartaxo chegou ao romper da aurora e foi logo ensinar o pequeno José Russo aonde estava o ninho. O pequeno apanhou os ferreirinhos que eram só três, meteu-os no cabazinho, tapou-os com o pano e foi para casa mais contente que um rato. O cartaxo voou até ao mato matoso, onde o José Russo o tinha encontrado, pois lá tinha os seus filhos para agazalhar do frio que era muito.

Quando o pequeno chegou a casa mostrou ao pai e à mãe os milhanos pequeninos e então não lhe bateram. O tio Casimiro arranjava-lhe todos os dias bocadinhos de coração, lá do seu talho, e o José Russo criou, com muito cuidado e com muito carinho, os milhanos pequeninos. Quando já estavam criados, pegou nêles, meteu-os no cabazinho, tapou-os com um pano. Depois o tio Casimiro deu ao José Russo um grande pedaço de coração de vaca, e o nosso grande herói lá foi por ares e ventos nunca dantes navegados, levar um milhano ao rei, porque os outros morreram no caminho. Foi recebido com muitas festas. O príncipe pegou no milhano; foi à tapada e deu-lhe a liberdade. O milhano procurou logo o mocho azul que encontrou muito perto e matou-o à bicada. Logo apareceu a princesa, lindamente vestida de fada.

O milhano foi dar a boa nova ao príncipe e êste mandou logo aparelhar os seus mais lindos cavalos, e engatou-os a um carro de tartaruga, que era o mais rico daquele reino, e foi buscar a princesa que estava dali um pouco distante. O José Russo também foi e a princesa, quando o viu, adivinhou que fóra êle quem apanhara o milhano. Agarrou-se a êle e ia-o comendo com beijinhos.

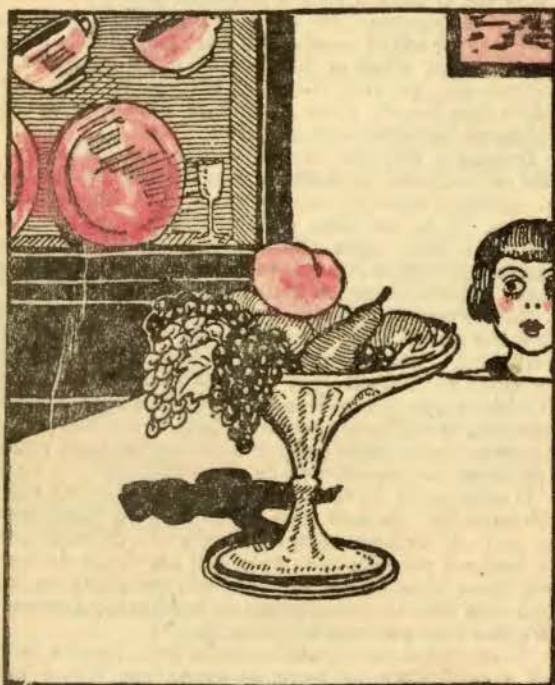
Vieram todos para o palácio aonde, impaciente, a família, real e os fidalgos da côrte, os esperavam. Houve muitas festas no palácio, veio o pai e a mãe da princesa, fez-se o casamento com o grande luxo que os meus lindos meninos



e meninas podem calcular, e o José Russo veio para Portugal outro vez por ares e ventos já d'antes navegados, (por êle, claro, quando foi para lá), e trouxe a grande fortuna que o rei tinha prometido. No caminho o pequeno perdeu quasi todo o dinheiro, mas ainda lhe ficou o bastante, para comprar um automóvel.

A Ninita Lambareira

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



a Ninita,
pequenita,
tivesse feito maldades,
— tão feias que nem as digo —
entendeu sua mamã,
p'ra castigo,
que não lhe devia dar
a maçãzinha córada
que, na fruteira da mesa,
era mesmo uma beleza
envergonhada...

A Ninita, suspirava,
arrepelava,
sua cabecinha louca!
Crescia-lhe água na bôca,
fazia beicinho até...
Mas, através duma certa
janela que estava aberta,
a mãezinha, vigiando,
andando,
pé ante pé,
espreitando,
quando em quando,
dizia consigo:
— «Olé!

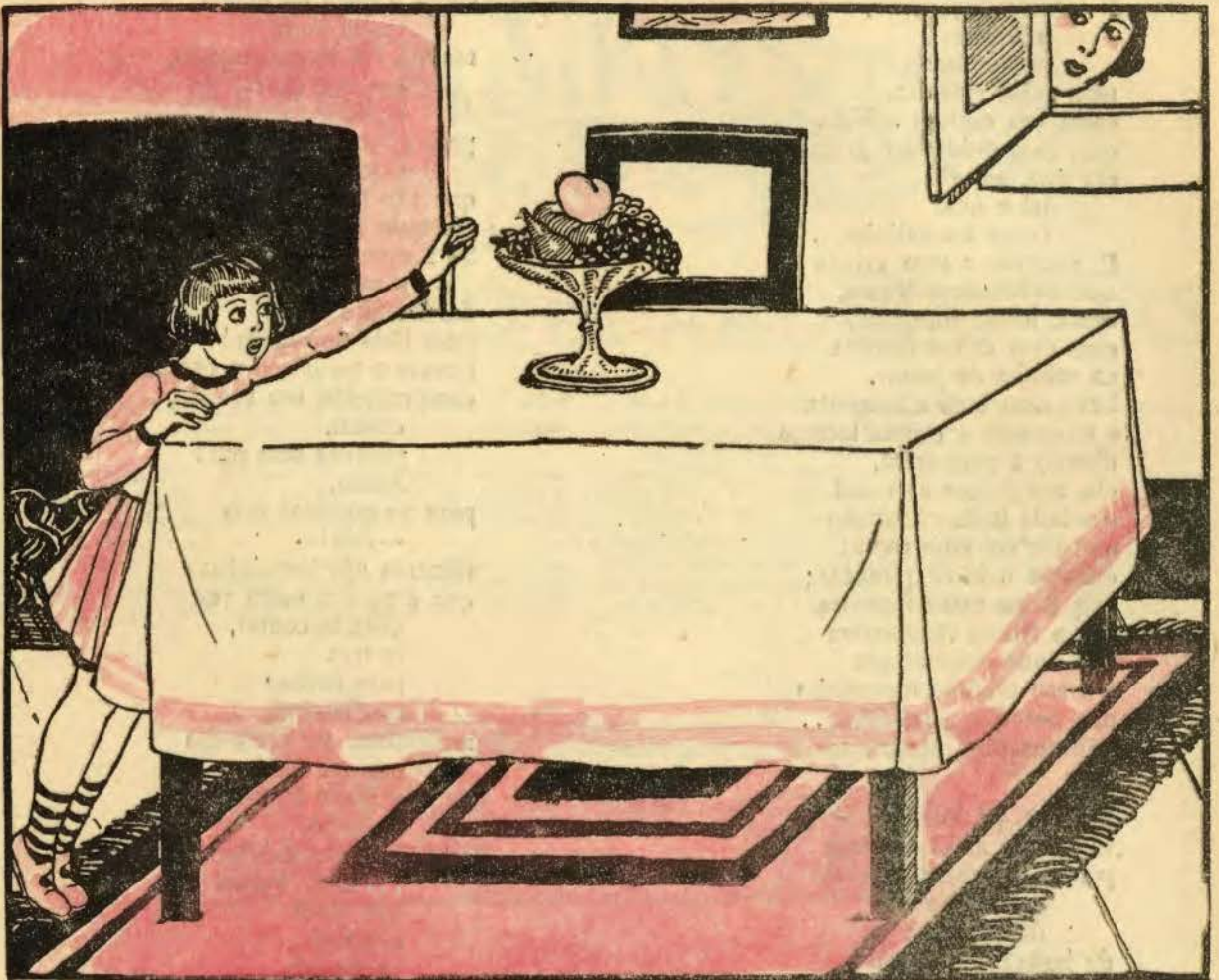
Vais levar grande castigo!...»

NA fruteira
sôbre a mesa,
— que beleza!
— que primor!
que maçã tão redondinha,
córadinha,
com rubôr!...

A Ninita,
pequenita,
lambareira,
lá andava,
passeava,
suspirava
em volta dela...
Tocava-lhe com cautela,
com a ponta dos dedinhos
bem feitiños,
redondinhos,
que se punham a tremer
com prazer,
com vontade de a levar
p'rá fileirinha de dentes,
reluzentes,
anciosos,
desejosos
de a papar,
de a comer...



Mas como nessa manhã,



Agora, muito em segredo,
 meninos, vou-lhes contar
 e dizer,
 que as maldades que a Ninita,
 pequenita,
 tinha feito,
 foram estas,
 estas e mais como estas:
 Devagar,
 com muito geito,
 sem ter medo,
 foi mexer,
 e remexer,
 com mãosita
 redondita,
 certas travessas de doce,
 que, se não fôsse
 tão doce,
 já não teria tentado
 o beicito lambareiro,
 prazenteiro,
 lambuzado
 da Ninita
 pequenita.

Papou,
 tornou a papar,

e quando não encontrou
 mais nada para rapar,
 saiu com muito geitinho...
 mas bateu com a porta—truz!
 Ai! Jesus!

eis que aparece a mamã...
 Então,
 percebendo o feia acção,
 levanta-lhe o vestidinho
 (que era de sarja de lã)
 e no tu-tu redondinho,
 bem feitinho,
 deu palmadinhas sonoras,
 que fizeram, longas horas,
 chorar a Ninita má!
 Embora — imaginem lá!
 a mãesinha terna e meiga,
 puzesse nas palmadinhas,
 grandes porções de manteiga...

Ora a mamã da Ninita,
 pequenita,
 lambareira,
 via, através duma certa
 janela que estava aberta,
 que as palmadas com manteiga

de nada tinham valido!
E resolveu preparar,
à Ninita
pequenita,
uma certa rãoeira,
onde, era certo e sabido,
que, com cuidado e geitinho,
ela caía, afinal,
tal e qual

como um ratinho...
E, pedindo a uma criada
que distraísse a Ninita,
entra, muito socegada,
com uma calma infinita
na salinha de jantar.
Leva uma faca e pimenta,
e enquanto a criada intenta
distrair a pequenita,
ela, aos golpes na maçã
(do lado mais córadinho
que par'cia uma romã),
enche-a toda de pimenta;
mas duma certa maneira
que a Ninita lambareira
não fique desconfiada
e o seu olhinho espartinho
não perceba a rãoeira...
não descubra mesmo nada

E agora, pé ante pé,
vai-se pôr atrás de certa
janela que estava aberta,
mesmo ao pé
da chaminé
do fogãozinho da sala.

Entretanto, ala que ala
chega a Ninita a correr...
Vem a rir vem-se a lamber,
certamente com a idea
tristê e feia
da maçazinha comer!...

Andou de volta
aos pulinhos,
como andam os cabritinhos
à sôlta!
E depois
num
pulinho
de maltêz,
pôs-se a contar:
— um,
doís,
três...

E agarra no frutosinho
que começa a devorar!

Mas, de repente, — Jesus!
lança a maçazinha — truz!
para o chão: «Ai-ai-ai-ai!
ai! a minha linguinha!
Oh! pai! oh! pai!
Oh! mãesinha!
Ai-ai-ai-ai-ai-ai!!»
— Então, através de certa

janela que estava aberta,
surge o rosto da mamã,
(rosto amigo)
meio a rir, meio zangado,
que lhe diz:
— «Eis o castigo
para as meninas gulosas,
e teimosas,
que vão meter o nariz
em tudo que está guardado!
Se a menina tivesse resistido,
a mamã
dar-lhe-ia a maçã
mais bela do pomar!
Levava-a no *pô-pô* a passear,
comprava-lhe um vestido,
emfim,
prêndas sem pãr!
Assim,
para as meninas más
— Zás!—

pimenta nas boquinhas;
que é para a outra vez
quando contar,
às três
para roubar
maçazinhas,
se lembrar de certo dia
em que havia,
sôbre a fruteira
da mesa,
uma certa maçazinha!...
... Uma belesa
que tenta
a Ninita
pequenita,
lambareira,
mas que afinal,
por seu mal
'stava cheia de pimenta!!

— «Vem p'ró colo da mamã,
anda, senta,
Prometes não mais tornar?»

«Oh! minha querida mãezinha,
agora,
não é a pimenta
que me faz chorar!
Meu peito chora
por entender
a feia acção que eu fiz...»
Porém, sou feliz
por poder
ensinar,
aconselhar
os meninos
pequenos,
A que não vão mexer
nas maçazinhas
córadas,
rosadas,
e nas travessas de doce;
que...
sim...

HORA DO RECREIO

O PARAFUSO DE ARQUIMEDES

Um lápis sem verniz, duas rôlhas, sete alfinetes, duas pequenas cuvetas e uma pena vão servir para esta experiência.

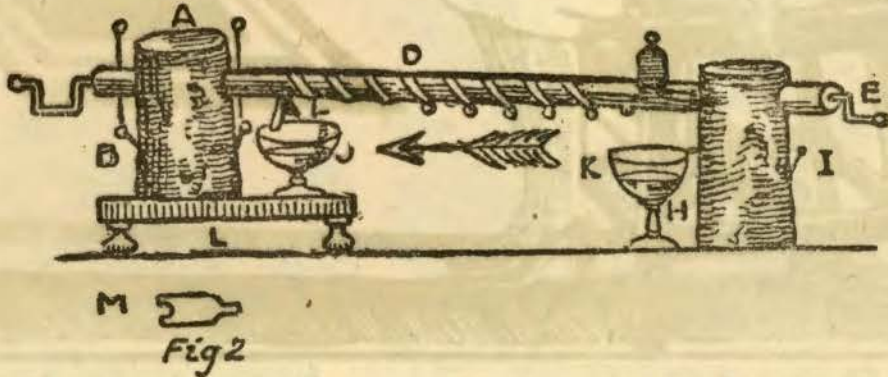
Coloca-se a rôlha *A* a dois ou três centímetros de altura sobre uma prancheta *B* (fig. abaixo), e a rôlha *C* sobre a meza, a uma distância da outra rôlha um pouco inferior ao tamanho do lápis.

As duas rôlhas são furadas, de modo que o lápis *D* possa atravessar os buracos e girar livremente. Um alfinete *E* serve de manivela; dois outros *F* e *G*, enterrados no lápis,

com uma tesoura (fig. 2 da fig. abaixo). Enterra-se esta pena *M*, pela ponta cortada, no lápis, sobre a cuveta *K*.

Enche-se, então, inteiramente de água, córada com tinta ou carmim, a cuveta *K*, e está a máquina pronta a funcionar, isto é, a elevar a água da cuveta *K* para o recipiente *J*.

Para isso basta molhar um pincel na cuveta *K* e traça-se uma hélice em volta do lápis, começando entre os dois dentes da forqueta da pena e acabando sobre o fósforo; depois, antes que esta hélice siga, faz-se girar brandamente o lápis da direita para a esquerda, por meio da manivela.



impedem-lhe a saída dos suportes, dois *H*, *I*, fixam a rôlha que está na prancheta e os dois últimos seguram a segunda rôlha.

Coloca-se em seguida uma cuveta *J* na prancheta, e uma outra *K* na outra extremidade, próximo da segunda rôlha. Esta será quasi tão alta como o lápis.

A' cuveta *J* coloca-se um fósforo dobrado em dois que não deve distar do lápis mais de alguns milímetros.

Pega-se, finalmente, numa pena, cuja ponta foi cortada

Então a pena mergulha na água, conduz uma gota ao subir e vai depositá-la na hélice que ela é obrigada a seguir até á ponta do lápis, onde vem esbarrar de encontro ao fósforo que a deposita no copo. Continuando assim, uma gota se encontra na parte baixa de cada espiral da hélice, e sucedem-se assim as gotas umas às outras sem interrupção. Com alguma paciência, conseguir-se-há fazer descer o nível do recipiente *K*, e, com mais paciência ainda, esgotar um rio!

A DIVINHAS

I

Qual é a terra portugueza que não é quadrada?

II

LABUTES

Formar com estas 7 letras uma cidade portugueza.

DECIFRAÇÃO DAS ANTERIORES:

1 — Botão

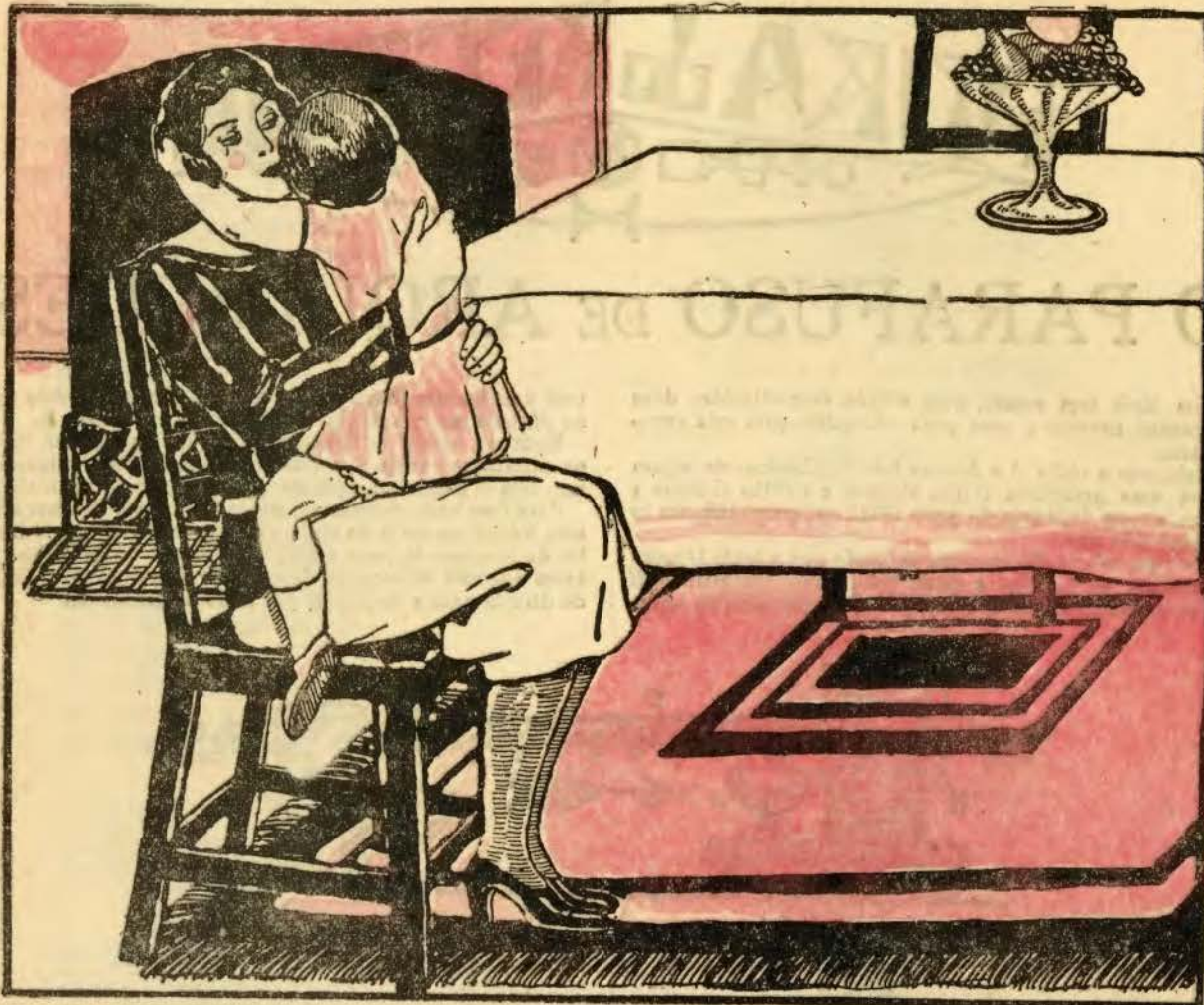
2 — Salto da bota

Correspondência

AVISO

Em virtude de ter que abandonar, temporariamente, esta secção, o nosso querido colaborador Tio-Tonio — Cardoso Lopes, participamos aos nossos pequeninos leitores que de ora ávante devem enviar as suas cartas para Tio Paulo, que fica substituindo-o durante a sua ausência, ou para os directores do nosso jornalzinho.

A NINITA LAMBAREIRA — Continuação da pág. 6



enfim...
 Se ele não fôsse
 tão doce
 — é sabido —
 não faria o meu beicinho
 sonsinho...
 ser assim
 atrevido...»

E no colo da mãezinha
 a Ninita
 pequenita,
 cobria-a toda de beijos!
 — Entretanto,
 nos lampejos
 do olhar da mamãzinha
 bailavam gotas de pranto...
 E' que afinal,
 o ardor,
 que a Ninita
 pequenita
 inda tinha
 na linguinha,
 sentia-o ela também,
 tal e qual
 na sua língua!

Que grande! que grande amor
 é o amor duma mãe!!

Ouçam meninos,
 ladinos,
 à mingua
 de mais dizer,
 quero fazer
 entender
 aos vossos coraçõezinhos
 inocentes,
 os dois conceitos
 eleitos,
 desta poesia banal:

— Serem sempre obedientes,
 e nunca fazerem mal;
 para jamais
 desgostar,
 molestar,
 os vossos bons papázinhos!
 Que afinal,
 os peitos dos nossos pais
 são sempre cofres dos ais
 dos corações dos filhinhos!